



Anos 90: Revista do Programa de Pós-

Graduação em História

ISSN: 0104-236X

anos90@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do
Sul
Brasil

da Silva Sousa, Fábio

Sob a bandeira vermelha: A “Revolução” Brasileira nas páginas de El Machete

Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 20, núm. 37, julio,
2013, pp. 213-236

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=574070207002>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Sob a bandeira vermelha: A “Revolução” Brasileira nas páginas de *El Machete*

Fábio da Silva Sousa*

Resumo: O presente artigo objetiva discutir matérias que o periódico comunista mexicano *El Machete* publicou sobre a Insurreição Comunista no Brasil de 1935 e das campanhas pela libertação de Luís Carlos Prestes. Fundado em 1924 e órgão central do Partido Comunista Mexicano (PCM), o *El Machete* dedicou atenção especial ao Brasil, no decorrer do ano de 1936 e início de 1937, período em que Getúlio Vargas potencializou a repressão aos comunistas brasileiros e, consequentemente, decretou o regime ditatorial do Estado Novo. Por meio de uma análise comparativa de tais matérias, este artigo objetiva elucidar como os comunistas mexicanos leram e interpretaram esse período da história brasileira, nas páginas do seu importante periódico de propaganda política.

Palavras-chave: Comunismo Mexicano, Insurreição Comunista do Brasil, Imprensa Operária.

* Doutorando em História e Sociedade pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Universidade Estadual Paulista – e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP. Contato: fabiosilvasousa@hotmail.com.

O mundo inteiro é uma coincidência

Roberto Bolaño

2666

Introdução

A segunda metade do decênio de 1930 foi significativa na trajetória do comunismo no Brasil. Em novembro de 1935, o Partido Comunista do Brasil, PCB, e a Aliança Nacional Libertadora, ANL¹, orquestraram uma insurreição sob a orientação do Comintern soviético, com o objetivo de derrubar Getúlio Vargas e instaurar um regime socialista. O grupo articulador desse levante era composto por Luís Carlos Prestes, o “Cavaleiro da Esperança”, pela sua companheira Olga Benário e pelos militantes Rodolfo Ghioldi e Arthur Ewert, sendo que este último utilizou a identidade falsa de Harry Berger. Sob a liderança de Prestes, os insurgentes brasileiros, grupo composto por militares rebelados, revoltaram-se nas cidades de Natal e Recife, sendo que, na primeira, conseguiram instaurar um Governo Revolucionário Popular, de trajetória efêmera, que durou de 23 a 25 de novembro de 1935. Ao repercutir no Rio de Janeiro, a então capital federal, os militares rebelados contavam com um levanter de outros regimentos das forças armadas, o que não se concretizou. O movimento insurgente foi derrotado, e seguiu-se o início de uma onda de repressão aos militantes comunistas em solo brasileiro, que teve o seu auge no Estado Novo, instaurado dois anos após esse episódio dramático (PINHEIRO, 1991). Seus principais líderes foram presos: Prestes e sua companheira, Olga Benário, foram capturados em 1936. Olga Benário foi entregue à Alemanha Nazista por Getúlio Vargas, em outubro de 1936, e faleceu no campo de concentração de Barnimstrasse, em 1942. Ghioldi e Ewert também não escaparam ilesos. Ewert enlouqueceu, com as torturas da polícia getulista, e faleceu em 1947, em um hospital psiquiátrico alemão, e Ghioldi sobreviveu às agruras da prisão.

A Insurreição Comunista do Brasil, que, durante um bom tempo foi pejorativamente denominada de “Intentona”, possui um papel de destaque na trajetória do comunismo na América Latina. Segundo Michael Löwy (2006, p. 24), a ação de 1935 no Brasil foi

a segunda tentativa de uma insurreição no continente latino-americano sob o auspício de uma liderança comunista – o primeiro caso foi a Revolução de El Salvador, ocorrida no ano de 1932, e sob o controle do Partido Comunista desse país.

A repressão patrocinada por Getúlio Vargas em resposta à Insurreição Vermelha repercutiu entre as redes de contato dos comunistas na América Latina, como também em outros locais do mundo. No caso tratado no presente texto, será apresentado como os comunistas mexicanos analisaram e repercutiram esse período da história do Brasil nas páginas do *El Machete*, o órgão central do Partido Comunista Mexicano, PCM. Para iniciar, torna-se relevante uma apresentação da trajetória do comunismo no México e da criação do *El Machete*.

México: o Comunismo em terras astecas

Os primeiros passos do Comunismo mexicano aconteceram no Primeiro Congresso Nacional Socialista, realizado na Cidade do México, entre 25 de agosto e 4 de setembro de 1919. Esse Congresso reuniu representantes das três principais correntes de orientação ideológica do operariado mexicano, a saber: a corrente anarcossindicalista, a reformista e a comunista. O principal objetivo desse encontro era a fundação de um partido político que representasse os trabalhadores do México, no momento em que a etapa armada da Revolução Mexicana já dava sinais de esgotamento, e uma reorganização do Estado mexicano já se vislumbrava no horizonte. Além desses motivos de ordem interna, cabe destacar os ecos da Revolução Russa de 1917 e o fato de que o projeto dos operários em comandar seu destino não poderia ser ignorado.

Como resultado das discussões desse Congresso, Luis N. Morones, que representava a ala reformista, abandonou o evento e fundou, no final de 1919, o Partido Laborista Mexicano, PLM. Os representantes anarquistas também não se sentiram contemplados com o rumo do Congresso, e se reuniram em torno da Confederación General de Trabajo, CGT. Ao contrário desses, a corrente de representação comunista contava em suas fileiras com alguns

militantes estrangeiros, entre eles os estadunidenses Linn A. Gale, José Allen e Michael Gold, além do indiano Manabendra Nath Roy. Todavia, esses militantes comunistas também não chegaram a um consenso, e, assim, Gale fundou, em 7 de setembro de 1919, o Partido Comunista de México. Outro grupo, sob a liderança de Nath Roy, defendia a incorporação na III Internacional Comunista, IC, e, com essa proposta, foi fundado, em 25 de setembro de 1919, o Partido Comunista Mexicano, PCM. Com dois partidos autodenominados comunistas, em outubro de 1919, chegou ao México Mikhail Borodin, agente do Comintern.

Com a missão de avaliar os passos do comunismo no México, Borodin aproximou-se do grupo de Nath Roy e o reconheceu como o representante comunista em terras mexicanas. Indignado, Gale acabou expulso do México, em maio de 1921, por ordem do então presidente Álvaro Obregón. Essa instabilidade acabou após a chegada de Sen Katayama, agente japonês da IC. Katayama unificou os dois partidos comunistas, representados pelo que restou do grupo de Gale, com os militantes do grupo original de Nath Roy, que, nesse momento, estava sob o comando de José Allen. Em 1923, foi realizado o II Congresso Nacional do Partido Comunista, que, enfim, estabilizou o PC mexicano (MÁRQUEZ FUENTES; RODRÍGUEZ ARAUJO, 1973; PELÁEZ, 1980; SPENSER; ORTIZ PERALTA, 2006).

Finalmente, estruturado e unificado, o PCM passou a publicar periódicos impressos, que não tiveram uma trajetória muito extensa, como as folhas *El Comunista*, *El Frente Único* e *Vida Nueva*. Vale ressaltar que os periódicos tinham um papel importante nos partidos comunistas, pois, segundo os escritos de Vladimir Lênin (1988, p. 127), “[...] o jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo. Ele é, também, um organizador coletivo”. Ao seguir essa definição apresentada pelo mentor da Revolução Russa, em 1902, os periódicos comunistas receberam a denominação de órgãos centrais, e, a partir de então, todas as resoluções, divulgações ou outros tipos de documentos dos partidos comunistas deveriam ser publicados em suas respectivas páginas.

O PCM teve o seu órgão central nas páginas do periódico *El Machete*. Ao contrário da maioria dos impressos comunistas que

foram fundados pelos próprios Partidos, como *A Classe Operária*, criado pelo PCB em maio de 1925, o *El Machete* teve uma trajetória peculiar, pois foi herdado de outra organização sindical. O periódico mexicano foi fundado em março de 1924, pelo Sindicato de Obreros Tecnicos, Pintores y Escultores de México, que, em seu quadro, contava com os pintores muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Clemente Orozco. Em 1925, os membros desse sindicato filiaram-se ao PCM. Após agregar os membros do Sindicato, o PC mexicano também adquiriu o *El Machete*, e, no começo de 1925, tornou esse periódico seu órgão central (GELADO, 2006, p. 98).

Segundo dados de Jean Meyer, Enrique Krauze e Cayetano Reyes (2002, p. 49), o apogeu do *El Machete* ocorreu no governo de Álvaro Obregón, que, com o seu apoio financeiro, chegou à marca de 10.000 exemplares de circulação, quando era ainda a publicação oficial do Sindicato de Obreros Tecnicos. Em seu governo, que durou de 1920 a 1924, Obregón manteve laços estreitos com os membros do PCM, cujo ápice foi o apoio dos comunistas à Rebelião “delahuertista”.²

Após Obregón deixar a presidência, no final de 1924, a situação do PCM na sociedade mexicana começou a dar sinais de mudanças. A cadeira presidencial foi ocupada por Plutarco Elias Calles, que oficialmente governou o México de 1924 a 1928, e extraoficialmente, até 1934. Nesse período, os comunistas mexicanos celebraram, em 1927, a formação de uma Frente Única, e o *El Machete* teve um aumento em sua circulação impressa, ao passar de 3.000 a 7.000 exemplares distribuídos nas ruas da Cidade do México (RIVERA CASTRO, 1983, p. 145). Todavia, apesar do aumento exponencial de seu principal periódico, o PCM praticamente não influenciou ideologicamente o campo sindical dos trabalhadores do México. Somado a essa dificuldade de orientação ideológica nos meios fabris, em 30 de agosto de 1927, foi assassinado o comunista Manuel P. Montes, em um conflito obscuro com a polícia da região de San Martín Texmelucan.

Em 1928, Álvaro Obregón voltou à vida política mexicana, e candidatou-se à cadeira presidencial. O PCM apoiou a candidatura do antigo carrasco de “Pancho” Villa, conforme explicitado em um

artigo publicado na 121^a edição do *El Machete*, de 30 de junho de 1928. Destaca-se que, apesar do apoio político, os comunistas mexicanos procuravam esclarecer que não eram “obregonistas”. Obregón venceu a corrida presidencial, contudo foi morto, no mês de julho de 1928, em um ataque suicida perpetrado pelo católico radical José de Léon Toral, como uma retaliação radical contra a posição do governo mexicano no conflito conhecido como Cristiada.³

Após a morte de Obregón, *El Machete* passou a publicar artigos críticos sobre a sucessão presidencial. Muitos desses artigos foram direcionados contra Calles, que, segundo o periódico comunista, mesmo não estando em evidência no cenário político, controlaria o México pelas sombras. O que de fato ocorreu. Calles esteve por trás dos governos de Emilio Portes Gil (1928-1930), Pascual Ortiz Rubio (1930-1932) e de Abelardo L. Rodríguez (1932-1934). Esse período ficou conhecido como a era do Maximato.

Para a sucessão de Obregón, o Congresso mexicano nomeou Emilio Portes Gil como presidente interino, o qual, durante quatorze meses, mergulhou o PCM em uma época de intensa repressão política e policial. Foi o período da *longa noite do comunismo mexicano*.

Nos primeiros dias de janeiro de 1929, o comunista cubano Julio Antonio Mella, importante militante da esquerda latino-americana, foi mortalmente ferido na Cidade do México. Apesar da grande repercussão de repúdio que sua morte desencadeou em diversas organizações de esquerda da América Latina, a repressão aos comunistas mexicanos continuou e, no mês de maio, foram fuzilados, no estado de Durango, os líderes José Guadalupe Rodríguez e Salvador Gómez (MARTÍNEZ VERDUGO, 1985).

Em junho de 1929, Portes Gil mandou fechar a gráfica do *El Machete*, que nesse período estava instalada no centro da Cidade do México, próximo à Praça do Zócalo. Nesse mesmo período, foi realizada, em Buenos Aires, Argentina, a primeira e única Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina (CODOVILLA, 2006, p. 431). O PC mexicano foi representado por Hernán Laborde e por outro militante comunista identificado apenas como Suárez. Durante as sessões da conferência, ambos denunciaram a repressão do governo federal mexicano, nas páginas do periódico *La correspondencia internacional*. No entanto, apesar de tais denúncias, no mês

de agosto de 1929, Portes Gil orientou que a polícia e o corpo de bombeiros destruíssem a gráfica e todos os exemplares que encontrassem do *El Machete*. Esse período de intermitência teve pouca duração e o órgão central do PCM voltou a ser publicado clandestinamente, em novembro de 1929.

A repressão aos comunistas mexicanos continuou nos governos posteriores de Pascual Ortiz Rubio e de Abelardo L. Rodríguez, com diversas prisões e assassinatos de membros do PCM. Como exemplo, a conhecida fotógrafa comunista italiana Tina Modotti, companheira de Julio Mella e colaboradora do *El Machete*, foi expulsa do México, em fevereiro de 1930, acusada de participar de um malfadado atentado contra Ortiz Rubio. Nos meses posteriores, o governo mexicano rompeu relações diplomáticas com a União Soviética, e, no mês de novembro, uma homenagem à Revolução Russa foi duramente reprimida, na cidade de Puebla. Esse período de repressão, a *longa noite do comunismo mexicano*, só acabou com o fim do Maximato e com a chegada de Lázaro Cárdenas ao poder (MÁRQUEZ FUENTES; RODRÍGUEZ ARAUJO, 1973, p. 159).

A “Revolução” brasileira em *El Machete*

O mandato de Lázaro Cárdenas (1934-1940) representou um período de ressurgimento do PCM. Em dezembro de 1934, Cárdenas libertou lideranças comunistas que se encontravam encarceradas, e tanto o PCM quanto *El Machete*, que nesse momento era dirigido por Hernán Laborde, tiveram liberdade de atuação na sociedade mexicana. Todavia, apesar dessa estabilidade, as ações dos comunistas foram ofuscadas pela sombra de Cárdenas, que conseguiu angariar um imenso apoio da classe trabalhadora do México. Para Michel Löwy (2006, p. 21), o PC mexicano caracterizou o governo cardenista de “nacional-fascismo”. Contudo, essa relação foi bem complexa, pois, se houve uma crítica do PCM a Cárdenas, esta ocorreu nos primeiros meses de 1934. Como demonstra Lyle C. Brow (1971, p. 34), aos poucos, Cárdenas também conseguiu o apoio dos comunistas mexicanos:

[...] las tácticas del PCM sufrieron varios cambios durante el periodo de 1934 a 1940. Primero atacado, luego tolerado y finalmente aclamado por el PCM como un presidente progresista, Cárdenas sucesivamente le dio libertades políticas ante su posición y aceptó el apoyo cuando los intereses de su administración parecían coincidir con los de los comunistas.

Foi nesses anos de liberdade que os ecos dos acontecimentos no Brasil se fizeram ouvir para os comunistas mexicanos.

Uma das primeiras matérias sobre a situação brasileira foi publicada na 382^a edição de *El Machete*. Extenso, esse material foi impresso em duas páginas, e não possui nenhuma assinatura ou indicação de autoria. Intitulado La Revolucion en el Brasil Apenas Comienza, alguns pontos do primeiro parágrafo do artigo merecem serem destacados:

Rompiendo el anillo de hierro de la censura en el Brasil, podemos hacer hoy la primera narración completa y veraz, desde el punto de vista proletario, del levantamiento armado en aquel país. Un mensajero especial sacó el siguiente informe fuera de las fronteras del Brasil, enviándolo por correo aéreo a Nueva York. (*El Machete*, La Revolucion en el Brasil Apenas Comienza, n. 382, 22 jan. 1936, p. 3).

Chama atenção o fato de o periódico afirmar que o material relacionado sobre o Brasil veio de uma fonte *especial*, que no momento se encontrava nos Estados Unidos. Infelizmente, ao longo do artigo, não é mencionada a identidade desse mensageiro. Contudo, vale destacar o momento de censura que o Brasil, com destaque para notícias sobre os comunistas, teve após os turbulentos eventos de 1935, já mencionados no começo deste artigo. Esse silêncio foi tão intenso que o órgão central do PCM teve que colher informações sobre os acontecimentos brasileiros por meio do seu vizinho do norte. Em seu conteúdo, a matéria apresenta um resumo dos primeiros dias da Insurreição Comunista do Brasil, por meio de uma linguagem ideológica e de apoio às ações da ANL. Porém, temos que ter em mente que essa eloquência presente no texto foi uma prática constante da

imprensa operária de orientação comunista. Os últimos parágrafos da matéria mantêm essa estrutura narrativa e ainda fornecem mais informações sobre a *Revolução* brasileira:

Llamado a la Nacion

Haciendo la declaración de que éste era el principio de la Revolución Nacional Libertadora del imperialismo, se proclamó el Gobierno del Pueblo. Su programa de lucha era el mismo de la Alianza Nacional Libertadora, bajo la dirección del gran Luis Carlos Prestes.

El primer Gobierno Nacional Revolucionario del Pueblo en América Latina, inmediatamente llamó al resto del país para unirse en la lucha contra el imperialismo y por la liberación del Brasil. (*El Machete*, La Revolucion en el Brasil Apenas Comienza, n. 382, 22 jan. 1936, p. 04).

Nos trechos destacados, a *Insurreição* do Brasil é descrita como o “Primeiro Governo Nacional Revolucionário do Povo da América Latina”, o que corrobora a tese de Michel Löwy da excepcionalidade dessa ação revolucionária no continente latino-americano. Concomitantemente a isso, outro ponto que merece ser analisado se refere à apresentação de Luís Carlos Prestes aos leitores do periódico comunista mexicano. Em primeiro lugar, o lendário líder comunista brasileiro é descrito pelo adjetivo *gran* (*grande*) e o seu nome foi impresso com letras em caixa-alta, o que produz um efeito visual de destaque para quem lê o artigo, e confere uma característica de pró-cere a Prestes. Ou seja, o “Cavaleiro da Esperança” é a personagem de referência desses eventos revolucionários no Brasil. Enfatiza-se que, no momento da publicação dessa matéria, Prestes e sua companheira, Olga Benário, estavam foragidos no Brasil. Conforme dito anteriormente, ambos foram capturados e presos em março de 1936.

Todavia, também devemos nos ater à data da publicação do artigo. Como mencionado, tanto os eventos da *Insurreição Comunista* quanto a sua derrota aconteceram nas últimas semanas de

novembro de 1935. A matéria sobre esses acontecimentos foi publicada em *El Machete*, em janeiro de 1936, e não há referência alguma à repressão que se abateu sobre os insurgentes brasileiros. Tal matéria passa ao leitor a sensação de que a Insurreição foi vitoriosa, e de que o Brasil estava sendo comandado por um Governo Nacional Revolucionário. Podemos atribuir essa discrepância das notícias, em nível internacional, ao controle dos meios de comunicação empreendido por Getúlio Vargas, iniciado em 1935, que teve seu auge no regime do Estado Novo, instaurado em 1937 (CAPELATO, 1999).

A repercussão sobre o Brasil continuou, e uma nova matéria foi publicada na 389^a edição do *El Machete*. O PCM lançou três edições especiais com essa numeração, e esse momento de euforia deveu-se à realização, entre os dias 21 e 24 de fevereiro de 1936, do Congreso Nacional de Unificación Proletaria, que resultou na fundação da Confederación de Trabajadores de México, CTM (PELÁEZ, 1980, p. 55). A matéria, *La Revolución (sic) Brasileña*, assinada por Luis Machado –, sobre o qual, infelizmente, não dispomos de material para traçar sua biografia – foi publicada em duas partes, na segunda e na quarta página da referida edição. Esse artigo apresenta uma cronologia de todos os acontecimentos de novembro de 1935 e suas reviravoltas, como o autor atesta já no primeiro parágrafo: “Resumamos en primer lugar las luchas revolucionarias de los días 22 y 27 de noviembre (sic), fijemos su grandiosa importancia histórica y esta bluzcamos la situación actual y las perspectivas” (*El Machete, La Revolución (sic) Brasileña* n. 389, 22 feb. 1936, p. 3).

A primeira parte do artigo, publicado na terceira página do *El Machete*, traz ao leitor do periódico comunista mexicano uma cronologia detalhada e didática dos acontecimentos no Brasil, em novembro de 1935. Já em sua continuação, publicada na quarta página, Machado relata os infortúnios dos planos insurrecionais dos comunistas no Rio de Janeiro e a reação do governo federal. O autor também publicou uma versão em espanhol do manifesto de 28 de novembro, de autoria de Luís Carlos Prestes. Contudo, destaca-se o final do artigo, em que Machado mantém a sua fé ideológica na “Revolução” brasileira:

Hay la reacción, pero hay también la revolución. La ola de huelgas no se detendrá. El pueblo demuestra su apoyo a los revolucionarios. Las medidas de excepción que el gobierno tiene la intención de aplicar contra los revolucionarios no harán más que aumentar las fuerzas aliadas. La unanimidad entre las clases dominantes no se realiza. En el interior, sobre todo en el Nordeste, continúa la lucha, y alcanzará los campesinos. La Revolución brasileña ha comenzado, nada puede detenerla. (*El Machete, La Revolución Brasileña*, n. 389, 22 feb. 1936, p. 04).

Para Machado, as ações insurgentes de 1935 representaram um embate contra o Imperialismo, e, mesmo ao apresentar informações atualizadas sobre o desenrolar da insurreição, o autor utiliza diversos adjetivos para caracterizar os comunistas do Brasil, e conclui seu texto de forma otimista, sem destacar a repressão governamental, e com a afirmação de que o povo está do lado dos revoltosos.

Outro ponto de destaque está na afirmação de que a luta alcançará os camponeses. Essa suposta união da massa camponesa do Brasil aos insurgentes nunca se concretizou. Anos depois, em 1954, o próprio Prestes reconheceu essa debilidade de se estabelecer uma aliança com os trabalhadores do campo, nas ações de 1935, o que fez com que se cometesse “[...] o grave erro de precipitar a insurreição quando eram ainda débeis nossas forças na classe operária e, por falta de apoio na massa camponesa, quase inexistente a aliança operário-camponesa” (apud DULLES, 1977, p. 427).

Contudo, no México, a presença dos camponeses foi imprescindível para o PCM. Inclusive, é importante citar que o PC mexicano conseguiu influenciar mais os camponeses do que os trabalhadores fabris. Não é à toa que os comunistas mantiveram o título original do periódico *El Machete*, quando o herdou do Sindicato de Obreros Técnicos, Pintores y Escultores de México. Traduzido para o português, *El Machete* significa *O Facão*, que é um instrumento muito utilizado pelos camponeses mexicanos. Além disso, não devemos omitir a grande força que esses trabalhadores do campo possuem

Sob a bandeira vermelha...

até hoje, no imaginário do México, devido, em grande parte, à Revolução Mexicana de 1910. Podemos levantar a hipótese de que os comunistas mexicanos projetaram esse papel importante dos seus camponeses, ao fazerem referências aos trabalhadores brasileiros do campo.

Além das matérias, *El Machete* também utilizou-se de charges para comentar a situação brasileira. O periódico oficial do PC mexicano possuía uma seção gráfica denominada “cartones de El Machete”, na qual publicava charges referentes a questões internacionais e locais. Abaixo seguem duas ilustrações referentes ao Brasil:

Figuras 1 e 2, publicadas nas terceiras páginas das edições de nº 395 e 404 de *El Machete*, respectivamente, em 28 de março, e 25 de abril de 1936 (Hemeroteca Nacional de México/UNAM)



A primeira charge, sem assinatura, mostra um militar com uma espada ensanguentada no braço direito, cavalgando um cavalo de faces monstruosas, que galopa por cima de sombras de corpos, onde se lê “Brasil”. Pela legenda, podemos pretender afirmar que a personagem militar é uma referência direta à figura de Getúlio Vargas. Contudo, não se sabe se o militar realmente é uma representação gráfica de Vargas, pois vários detalhes merecem ser destacados:

em primeiro lugar, a personagem ostenta um longo bigode, o que não condiz com o rosto de Vargas; em segundo lugar, a vestimenta militar não corresponde às roupas que Vargas utilizava em 1936. As imagens nas quais Vargas aparece com uniformes militares são de 1930, logo após a derrubada de Washington Luís. Ou seja, mesmo sendo representativo, o militar da charge não possui semelhanças com Getúlio Vargas, o que torna peculiar o seu uso nesse desenho, e coloca em dúvida se os membros do PC mexicano conheciam de fato a imagem do líder do golpe de Estado de 1930.

Não encontramos essas discrepâncias visuais na outra charge. Publicada um mês depois e assinada apenas com siglas GFP, a ilustração mostra uma caricatura de Luís Carlos Prestes, na prisão, e com as legendas “Por un Brasil Libre” e “Contra el Imperialismo”. O olhar do desenho de Prestes é emblemático, pois produz um efeito de serenidade e determinação, além de parecer que a própria imagem está olhando para o leitor.

Os comunistas mexicanos sabiam de fato quem era Luís Carlos Prestes? Levantamos essa questão, pois *El Machete* publicou diversas notas em apoio ao “Cavaleiro da Esperança” e contra sua prisão. Mas, quem seria esse brasileiro que o periódico do PC mexicano determinava que fosse libertado da repressão de Vargas? Uma biografia seria fundamental para apresentá-lo aos leitores do periódico e, consequentemente, conseguir o apoio dos mexicanos nessa campanha de liberdade.

A biografia de Prestes foi publicada na 404^a edição, de 1 de maio de 1936. Em comemoração ao primeiro de maio, dia do trabalho, esse número saiu como uma edição especial, com oito páginas, e foi vendida a dez centavos. Deve-se destacar que, por se tratar de uma edição especial, esse exemplar circulou em grande quantidade, na Cidade do México.

Essa biografia foi publicada na terceira página, e assinada por Octávio Brandão. Antes de analisarmos seu artigo, vale ressaltar que Octávio Brandão foi um dos fundadores do PCB, ao lado de Astrojildo Pereira, entre outros militantes brasileiros. Todavia, na época em que o texto foi publicado, Brandão havia sido expulso do PCB, e estava na União Soviética, onde, como demonstra Roberto Mansilla Amaral (2007, p. 265), enfrentou as agruras do primeiro plano quinquenal, o Terror Stalinista e a invasão da Alemanha Nazista.

Brandão escreveu uma biografia eloquente e apaixonada de Prestes, abordando desde seu nascimento, em 1896, até sua prisão, em 1936. O texto apresenta Prestes como um autêntico herói do Brasil, que sempre lutou contra as injustiças, e ao lado do povo brasileiro. Essa estratégia narrativa evidencia-se quando Brandão narra a situação do “Cavaleiro da Esperança” em seu exílio na Bolívia, depois de percorrer 25 mil quilômetros no interior do Brasil, com sua lendária Coluna homônima:

Prestes, en destierro, vive muy pobemente en un pueblecillo muy pobre (Puerto Suárez). Habita una cabaña miserable. Come poco. Cae enfermo de paludismo, ¡este hombre delgado, pálido, pobre, es la esperanza y la fuerza del pueblo brasileño!” (*El Machete, Luis Carlos Prestes Campeón de la Liberación Nacional del Brasil*, nº 404, 01 maio 1936, p. 03).

Além dessas qualidades pessoais, Brandão enfatiza a força ilibada de Prestes, ao descrever o seu contato com a ideologia comunista, e sua prisão pelo governo Vargas:

[...] Prestes estudia el marxismo-leninismo. Llega a ser miembro del Partido Comunista del Brasil.

La ola del movimiento obrero y nacional-revolucionario, sube. La Alianza de liberación nacional llega a ser una organización de masas y las masas proclaman como jefe a Prestes, el jefe del movimiento nacional-revolucionario, el campeón de la liberación del pueblo brasileño.

La ola sube al asalto de las ciudadelas del imperialismo. La vanguardia del pueblo brasileño lucha contra el gobierno de traición nacional. Y una vez más, el pueblo pronuncia con veneración el nombre de Luis Carlos Prestes.

Ahora, Vargas, tipo horrible de traidor y verdugo, vergüenza nacional, acaba de detener a nuestro camarada Prestes, el hijo querido del pueblo brasileño. Por esto pedimos la ayuda

del proletariado internacional, de las masas trabajadoras del mundo entero, de todos los liberales, demócratas, de todos los hombres honrados, que para liberar a Prestes inmediatamente. Prestes es el representante de las aspiraciones de nuestro pueblo.

Amigos de la libertad de todos los países, escuchad nuestro grito: Ayudadnos a libertar a Prestes, el héroe revolucionario de nuestro pueblo. (*El Machete*, Luis Carlos Prestes Campeón de la Liberación Nacional del Brasil, n° 404, 01 maio 1936, p. 03).

Para os leitores do artigo, fica a sensação de que no Brasil há uma comoção nacional de repúdio à prisão de Prestes, e de que a ANL possui diversos seguidores entre os setores populares. Como já exposto, como efeito da repressão de Vargas, a ANL estava totalmente desarticulada em 1936. Contudo, torna-se relevante frisar que os periódicos da imprensa operária estavam mais preocupados em publicar textos ideológicos e panfletários de suas posições políticas do que informações imparciais. Nos periódicos comunistas, era essencial que os textos apresentassem referências à luta operária e à inevitabilidade do marxismo-leninismo como *práxis* social. Mais do que impressos informativos, esses periódicos eram armas de propaganda e combate político. Por fim, Brandão encerra o texto convocando que todos se levantem contra a repressão de Vargas e lutem pela liberdade de Prestes.

O *El Machete* publicou diversas notas ao longo do ano de 1936 a favor da liberdade de Prestes. Muitas delas foram impressas na primeira página do órgão central do PCM, o que atesta a importância com que os comunistas mexicanos trataram da prisão do “Cavaleiro da Esperança”. Sobre essa afirmação, merece destaque uma nota, sem assinatura, publicada na 431^a edição, de agosto de 1936. Apesar de o material ser pequeno, o seu título, *No Descansemos Hasta Libertar a Prestes*, foi impresso em um tamanho de destaque, e ocupou a parte superior da quarta página do periódico. A seguir, seguem alguns trechos da nota:

La suerte del jefe del frente Popular del Brasil, Luis Carlos Prestes y de los 16.000 antifachistas presos en las mazmorras de Getulio Vargas, se encuentra en las manos de las masas populares de todos los países.

[...]

Se quiere aplicar la pena capital a nuestro “caballero de la Esperanza”. El proceso de los diputados progresistas no es sino el preludio de la tragedia. Es preciso responder al llamamiento que la madre de Preste lanza al mundo. Luchando sin tregua por la libertad de Luis Carlos Prestes, símbolo de las luchas libertadoras de los pueblos latinoamericanos.

Las protestas deben ser dirigidas al Embajador del Brasil en México e directamente al sanguinario (sic) Getulio Vargas. (*El Machete*, “No Descansemos Hasta Libertar a Prestes”, nº 431, 15/08/1936, p. 4).

Nos trechos anteriores, chama atenção o elevado número de presos políticos no governo varguista, total de dezesseis mil pessoas. Segundo Paulo Sérgio Pinheiro (1991, p. 322), em um primeiro momento, foram presas cerca de seis mil pessoas. De 27 de novembro de 1935 a 31 de maio de 1936, foram detidas 7.056 pessoas e, posteriormente, 6.052 foram postas em liberdade. A nota de *El Machete* foi publicada em agosto de 1936, e não apresenta essa atualização de dados. Podemos levantar a hipótese de que essa grande quantidade de presos reforçou a tese de que a ANL era realmente uma organização de grande penetração ideológica no interior das massas populares. A nota também afirma que Prestes representa os anseios de liberdade de todos os latino-americanos, deixando de ser um líder apenas no Brasil.

Em outro trecho, a nota também coloca-se a favor da grande campanha que Leocádia Felisardo Prestes, mãe do “Cavaleiro da Esperança”, realizou nesse período. Após a repressão de Vargas, a mãe de Prestes realizou uma grande campanha pela libertação de seu filho, de Olga Benário e também de Anita L. Prestes, sua neta. A ligação de Leocádia Prestes com o México foi bem profunda, como demonstra Guilhermo Palacios (2008, p. 315):

Leocádia Felisardo Prestes e sua filha, Lygia, mãe e irmã de Luís Carlos Prestes, desejavam transferir-se para o México, procedentes de Paris, em busca do apoio de personalidades e organizações trabalhistas mexicanas para libertar Luís Carlos, preso no Rio de Janeiro. Embora seja desconhecida a data de seu ingresso, finalmente ambas residiram na capital mexicana, onde dona Leocádia faleceu em 1943.

A mãe de Prestes, que se tornou uma figura singular no México, apesar de seus apelos, morreu antes de ver seu filho ser libertado da prisão, o que ocorreu apenas em 1945.

A campanha pela liberdade de Prestes demonstra a sintonia do PCM com o governo de Lázaro Cárdenas. Antes mesmo da prisão do líder da ANL, em março de 1936, o México esboçava críticas à repressão de Getúlio Vargas: “Durante janeiro e fevereiro, centenas de cartas e telegramas continuaram chegando à Embaixada brasileira no México com protestos pela perseguição que o governo de Vargas havia empreendido contra os comunistas” (PALACIOS, 2008, p. 282). Essa não foi a primeira demonstração pública de repúdio à perseguição dos comunistas do Brasil que ocorreu na Embaixada brasileira. *El Machete*, em sua 180^a edição, publicou uma pequena nota intitulada *Abajo el Gobierno Reaccionario del Brasil*, na qual relata uma manifestação organizada pela Juventud Comunista de México, em 12 de abril de 1930, contra as perseguições aos comunistas no Brasil. No período de publicação dessa nota, no começo de 1930, a situação política no Brasil estava tensa, em decorrência da vitória de Júlio Prestes, que abalou a aliança dos governos de São Paulo e Minas Gerais, e teve como desfecho o golpe de Estado de Getúlio Vargas, realizado no mês de outubro do mesmo ano.

Avançando um pouco no tempo, o apoio de Cárdenas a Prestes gerou alguns atritos entre a diplomacia mexicana e a brasileira, e, no mês de maio de 1936, quando *El Machete* publicou a biografia de Prestes escrita por Octavio Brandão, foi realizada uma grande manifestação na Embaixada brasileira do México, a favor do “Cavaleiro da Esperança”:

Em maio, houve protestos diante da Embaixada brasileira, que foram muito alardeados pela imprensa do Rio de Janeiro, com artigos que afirmavam que havia se dado um assalto seguido de apedrejamento, razão pela qual o governo federal do Brasil havia disposto uma guarda armada para proteger a Embaixada mexicana no Rio de Janeiro de possíveis represálias. A representação brasileira na Cidade do México de fato havia sido cercada por enfurecidos manifestantes, mas a polícia havia intervindo e realizado algumas prisões momentâneas, com o que a própria embaixada considerou o assunto encerrado (PALACIOS, 2008, p. 285).

Este foi o maior incidente registrado sobre tal questão entre o México e o Brasil, e sua repercussão não foi ignorada pelo órgão central do PC mexicano. A 410^a edição do *El Machete*, publicada em 27 de maio de 1936, trouxe em suas páginas uma extensa matéria sobre a manifestação, contra a prisão de Prestes, realizada na Embaixada brasileira na Cidade do México. Essa matéria, sem assinatura, foi dividida em duas partes. A primeira foi publicada na capa da edição, o que comprova a relevância desse tema para o periódico comunista; e a segunda, na quarta página.

Na primeira parte da matéria, com o título de *Son Aprehendidos Por Pedir la Libertad de Luis Carlos*, encontramos uma descrição detalhada sobre a manifestação em prol da liberdade de Prestes. De acordo com a matéria, na sexta-feira, dia 22, cerca de quarenta pessoas dirigiram-se em direção à Embaixada do Brasil, com o objetivo de entregar um manifesto para o cônsul brasileiro, assinado por membros de organizações de trabalhadores do México em apoio à ANL e contra a prisão de seu líder. O diplomata brasileiro Carlos Alves de Souza, além de não receber o grupo, chamou a polícia, com a justificativa de que estava ocorrendo um tumulto na frente da Embaixada. A matéria relata que, em um primeiro momento, dezoito pessoas foram presas, e liberadas dois dias depois.

Os editores de *El Machete* afirmaram que a redação do periódico recebeu diversas cartas de repúdio à atitude da embaixada brasileira, e até chegaram a entrevistar Gastón Lafarga, apresentado pelo periódico como um militante comunista que esteve presente no ato. A entrevista de Lafarga foi publicada na segunda parte da matéria, *El Brasil al Margen de La Ley*, e dividida em cinco pontos.

No primeiro, Lafarga afirmou que o ato não tinha nenhuma ligação com o movimento comunista, e que foi liderado por diversas frentes populares e operárias do México. O documento a ser entregue possuía trezentas assinaturas. No segundo ponto, explicou que nenhuma ofensa foi dirigida ao cônsul ou ao governo do Brasil, e frisou a existência de dezoito mil presos políticos em território brasileiro. Na terceira parte, Lafarga cita as organizações representadas no ato em frente à Embaixada brasileira e questiona o direito de um embaixador prender pessoas da nacionalidade do território no qual tal embaixada está instalada. Na quarta parte, o entrevistado fez um relato detalhado das prisões realizadas. Conforme seu testemunho, os presos da embaixada foram levados para a 7^a delegacia de polícia no México, e tratados como presos políticos, sofreram “tortura mental”. Uma mulher que estava presente teria sido assediada por um Comandante desta delegacia. Apesar dos abusos sofridos relatados por seus companheiros, Lafarga enfatizou os objetivos do ato, e novamente clamou pela liberdade de Prestes, ao final de sua entrevista:

[...] Estamos satisfechos de haber servido de motivo para evi-
denciar al gobierno del Brasil. A tal gobierno, tal embajada.
Sólo pedimos que en este momento en que está siendo juz-
gado Prestes se levante en todo el país una ola de protestas
contra los hechos que denunciamos, dirigida en lo que toca
la Embajada del Brasil, a su Presidente, Dr. Getulio Vargas,
Rio de Janeiro, Brasil y en lo que toca al gobierno de México,
al Presidente Cárdenas. (*El Machete*, El Brasil al Margen de
la Ley, nº 410, 27 maio 1936, p. 04).

Apesar de todos esses esforços internacionais, como já mencionado, Prestes continuou encarcerado. Para os editores comunistas de *El Machete*, o governo de Getúlio Vargas estava assumindo características fascistas, depois da repressão de 1935, tese reforçada em mais uma nota, publicada na 481^a edição de junho de 1937: “Presta la sentencia de Luis Carlos Prestes por el tribunal Especial del Brasil, marca con caracteres mayúsculos la brutal fascización del Gobierno de aquel país” (*El Machete*. Por la Vida de Prestes, nº 481, 20 jun. 1937, p. 03).

Prestes só foi libertado em 1945, quando o PCB conseguiu, por um breve período, a sua legalidade política, como consequência do final da Segunda Grande Guerra. No México, o sucessor de Lázaro Cárdenas, Manuel Ávila Camacho, não se envolveu nessa campanha pela liberdade de Prestes, que foi perdendo fôlego ao longo dos anos. O assunto veio novamente à tona em razão do falecimento de Leocádia Felisardo Prestes, em 1943. Como já mencionado, a mãe de Prestes tornou-se uma personagem popular no México. Quando faleceu, Lázaro Cárdenas era o Secretário da Defesa Nacional do governo de Ávila Camacho, e solicitou a Vargas permissão para que Prestes fosse ao México presenciar o enterro de sua mãe. Vargas negou o pedido.

Considerações finais

A Insurreição Comunista de 1935 foi um acontecimento ímpar na trajetória das esquerdas latino-americanas. Foi uma ação que objetivou colocar em prática os anseios revolucionários dos comunistas brasileiros, e que poderia inspirar outros levantes no continente. Mesmo com a sua rápida repressão, para os comunistas mexicanos, estava em curso no Brasil uma revolução que deveria ser apoiada pelos trabalhadores ao redor do mundo, o que o PCM fez com regularidade ao longo do ano de 1936, ao publicar matérias e notas sobre esse evento, nas páginas de seu órgão central, o periódico *El Machete*.

Ao utilizar o conceito de revolução para caracterizar o levante de 1935, os editores do periódico comunista mexicano colocaram esse evento dentro de uma tradição discursiva, política e cultural de diversos países da América Latina. Segundo José Luis Bendicho Beired (1996, p. 437), “não seria exagerado afirmar que a idéia de revolução é um poderoso componente da cultura política da América Latina”. Essa afirmação torna-se especialmente relevante nos dois países e em seus momentos históricos respectivos, analisados neste artigo.

O México estava em reconstrução após o violento período da Revolução Mexicana (1910-1920), e, na segunda metade do decênio de 1930, o governo de Lázaro Cárdenas foi considerado por

diversos autores como o período de consolidação das reivindicações populares revolucionárias de 1910.

No Brasil, no decênio de 1930, o golpe de Estado empreendido por Getúlio Vargas recebeu a denominação de revolução. Segundo Vavy Pacheco Borges (2002, p. 161), o termo “Revolução” foi bastante discutido em terras brasileiras nesse período, por meio da imprensa, em ensaios, memórias e obras literárias, o que, em suas palavras, “[...] comprova a centralidade e a predominância do conceito em diversos conteúdos, e essa ‘revolução’ aparece quase que permanentemente adjetivada como ‘brasileira’”. Ou seja, houve uma disputa pelo uso desse conceito no Brasil, pelos comunistas e pelo governo varguista.

Em contrapartida, a força do termo revolução colocou, para os leitores do periódico comunista mexicano, a ideia de que a Insurreição Comunista no Brasil era um processo mais complexo, com reviravoltas, e que, mesmo com a repressão de Vargas, ainda estava em curso, o que efetivamente não aconteceu. A dificuldade de buscar informações com a censura no Brasil e a linguagem estratégica de propaganda política do *El Machete* são elementos que podem nos auxiliar a entender o distanciamento entre o que realmente estava acontecendo na sociedade brasileira com aquilo que era publicado no periódico do PC mexicano.

Luís Carlos Prestes foi a personagem central dessas informações sobre a “Revolução” brasileira, e a campanha que *El Machete* realizou em suas páginas esteve atrelada ao governo cardenista, o que nos revela alguns passos da construção da imagem mítica do líder da ANL. Se, nas primeiras matérias, Prestes era apresentado como o libertador do Brasil, ao longo das notas, ele acabou sendo referenciado como um líder latino-americano.

Os editores comunistas de *El Machete* interpretaram os acontecimentos de 1935 no Brasil pelo prisma de sua própria realidade. Para o PCM, o México estava no caminho de consolidação do seu processo revolucionário, e o Brasil havia dado seu primeiro passo de libertação da opressão capitalista e imperialista. No imaginário social e nos projetos políticos desses militantes, uma revolução guiada pela bandeira vermelha seria inexorável, uma ideia que circulou intensamente nos movimentos comunistas da América Latina.

UNDER THE RED FLAG: THE BRAZILIAN “REVOLUTION” IN THE PAGES OF *EL MACHETE*

Abstract: The present article aims to discuss texts published in the communist Mexican newspaper *El Machete* about the Communist Insurrection of Brazil in 1935 and the campaigns for the release of Luís Carlos Prestes. Being the central organ of the Mexican Communist Party (MCP), founded in 1924, *El Machete* paid attention to Brazil during the years 1936 and early 1937, when Getúlio Vargas increased the repression of the Brazilian communists and consequently decreed the dictatorship called Estado Novo. Through a comparative analysis of the texts selected, this article aims to elucidate how the Mexican communists read and interpreted this period of the Brazilian history in the pages of their very important newspaper of political propaganda.

Keywords: Mexican Communism, Communist Insurrection of Brazil, Workers Press.

Notas

¹ O Partido Comunista do Brasil (PCB) foi fundado em 25 de março de 1922. Após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em fevereiro de 1956, quando o secretário-geral Nikita Kruschev expôs a violência do regime stalinista, houve uma cisão no interior do PCB. Diante de tais revelações, no V Congresso do Partido Comunista do Brasil, realizado em 1960, houve uma mudança de postura voltada para um discurso nacionalista, e a agremiação política trocou de nome para Partido Comunista Brasileiro. A cisão aconteceu dois anos depois, em 1962, quando militantes descontentes decidiram romper com o PCB, e fundaram o Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCdoB. Já a Aliança Nacional Libertadora (ANL), foi fundada em março de 1935, e foi desarticulada com a repressão de Getúlio Vargas ao levante comunista realizado no mesmo ano de sua criação.

² Em 1923, o PCM envolveu-se no embate entre Adolfo de La Huerta e o então presidente mexicano, Álvaro Obregón. De La Huerta contava com o apoio de Obregón para sua possível candidatura à presidência, contudo foi preterido por Plutarco Elias Calles. Descontente, Huerta colocou-se contra o governo federal, e iniciou uma rebelião que ficou conhecida como “delahuertista”. Essa rebelião concentrou-se na região de Veracruz, e foi desmantelada, entre fevereiro e maio de 1924, com um saldo de sete mil pessoas mortas. O PCM, nesse período, apoiava o governo federal mexicano e tinha muitos setores campesinos em seu controle. Essa massa camponesa armou-se e, junto com metade do exército federal, conseguiu liquidar o movimento rebelde. Entre as vítimas comunistas desse embate, pereceram alguns dirigentes, como José Cardel, José María Caracas, Guilhermo Lira, José Fernández Oca e Antonio Ballesco (PELÁEZ, 1980, p. 23).

³ A Cristiada ou Guerra Cristera foi um conflito que envolveu católicos radicais contra o governo federal, entre os anos de 1926 e 1929, quando o presidente Calles aplicou leis de caráter anticlerical, que atingiram o clero mexicano. De caráter extremamente popular, esse conflito teve um saldo sangrento, e as negociações entre a Igreja e o Governo mexicano ocorreram com a intervenção da embaixada estadunidense (AGUILAR CAMÍN; MEYER, 2000, p. 119).

Referências

- AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. À Sombra da Revolução Mexicana. História Mexicana Contemporânea, 1910-1989. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 249-272.
- BEIRED, José Luis Bendicho. Revolução e Cultura Política na América Latina. In: DAYRELL, Eliane Gracindo; IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (Orgs.). *América Latina: Desafios e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996. p. 437-444.
- BOLANÓ, Roberto. *2666*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e Política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 159-182.
- BROWN, Lyle C. Los comunistas y el régimen de Cárdenas. *Revista de la Universidad de México*, v. XXV, n. 5, mayo, p. 25-34, 1971.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 167-178.
- CODOVILLA, Vittorio. História do Marxismo na América Latina. In: LÖWY, Michel (Org.). *O marxismo na América Latina*. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. 2. ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 430-435.
- DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- EL MACHETE. Organo Central del Partido Comunista de México. 1936-1937.

Sob a bandeira vermelha...

GELADO, Viviane. *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro: 7Letras; São Carlos: EdUFSCar, 2006.

LÊNIN, Vladimir I. *O que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1988.

LÖWY, Michel. (Org.). Introdução. In: _____. *O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais*. 2 ed. ampl. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MÁRQUEZ FUENTES, Manuel; RODRÍGUEZ ARAUJO, Octavio. *El Partido Comunista Mexicano (en el periodo de la Internacional Comunista: 1919-1943)*. México: Ediciones “El Caballito”, 1973.

MARTÍNEZ VERDUGO, Arnoldo. *Historia del comunismo en México*. México: Ediciones Grijalbo, 1985.

MEYER, Jean; KRAUZE, Enrique; REYES, Caetano. *Historia de la Revolución Mexicana, 1924-1928: Estado y Sociedad con Calles*. México: El Colegio de México, 2002.

PALACIOS, Guilhermo. *Intimidades, Conflitos e Reconciliações: México e Brasil, 1822-1993*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Secretaría de Relaciones Exteriores, México, 2008.

PELÁEZ, Gerardo. *Partido Comunista Mexicano. 60 años de historia*. I (Cronología 1919-1968). México: Universidad Autónoma de Sinaloa, 1980.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIVERA CASTRO, José. *La Clase Obrera en la Historia de México. En la presidencia de Plutarco Elías Calles (1924-1928)*. México: Siglo veintiuno editores, 1983.

SPENSER, Daniela; ORTIZ PERALTA, Rina. *La Internacional Comunista en México: Los Primeros Tropiezos. Documentos, 1919-1922*. México: INEHRM, 2006.

Recebido em: 20/05/2012

Aprovado em: 19/07/2012